



## A autocompreensão e a representação do divino a partir de um olhar multidisciplinar

Self-comprehension and the Divine's representation through a multidisciplinary look

**Por Marcos André Scussel**

Filósofo, Especialista em Administração Escolar  
Mestre em Educação (PUCRS)  
Doutorando em Teologia (EST)  
Bolsista CAPES  
mascussel@terra.com.br

### Resumo:

O presente artigo busca refletir sobre a representação de Deus a partir de uma pesquisa com estudantes do Curso Normal dialogando com a Teologia de Tillich e outras ciências. Sabe-se que a relação que o homem estabelece com o sagrado e com o divino é significativa, e alguns cientistas chegam a se perguntar se não haveria um “ponto divino” em nosso cérebro. Ao longo da história, muitas ciências buscaram compreender esse mistério e a relação que o homem estabelece com o transcendente. Essa dimensão, que por muito tempo ficou relegada às religiões e à Teologia, separando o sagrado do profano, volta a ser estudada por outras áreas do conhecimento. A autocompreensão e a relação com o divino acontecem no diálogo e na integração das diferentes dimensões da vida humana e das diferentes áreas do conhecimento.

### Palavras-chave:

Deus. Inteligência espiritual. Fé. Autocompreensão.

### Introdução

O ser humano vive constantemente em busca de autocompreensão. E nessa construção pessoal produz interpretações e cria caminhos de desenvolvimento e de realização. A compreensão humana envolve as várias áreas do conhecimento. A dimensão espiritual faz parte da formação integral do ser humano que busca autocompreensão e constrói imagens representacionais de Deus. Nesse processo de consciência e desenvolvimento humano não se

### Abstract:

This paper aims to reflect on God's representation since a research with School Teacher Formation students in a dialogue with Tillich's theology and other sciences. It is known that the relationship that men establish with the sacred and with the divine is meaningful, and some scientists even ask themselves if there is not a “divine spot” in our brain. Through the story, many sciences tried to understand this mystery and the relation that men establish with the transcendent. This dimension, which for so long belonged to religions and theology and putted apart the sacred from the profane, is now being studied by other fields. The self-comprehension and the relation with the divine happen in the dialogue and integration of different dimensions of human life and different knowledge fields.

### Keyword:

God. Spiritual intelligence. Faith. Self-comprehension.

pode ficar focado somente na visão da Teologia ou das Religiões. É preciso dialogar com outras ciências para se compreender a complexidade da vida.

Quando se olha para o nosso cotidiano, muitas vezes, tem-se dificuldade para encontrar rastros do Sagrado. Mas, ao olhar para a vida e para a história, percebe-se claramente a presença, ou a crença no divino influenciando a vida das pessoas. O homem, em suas diversas fases de desenvolvimento humano, vai dando significado às suas vivências e

construindo sua felicidade nas relações que estabelece.

Busca-se, então, refletir sobre o ser humano e sua experiência do divino a partir da perspectiva de educador. Um educador que, ao longo de sua história, tenta dialogar com as várias áreas do saber à procura de mais compreensão e realização humana.

A inquietante pergunta: “Quem somos?” tem acompanhado o ser humano na busca de compreensão da sua existência. As interpretações dogmáticas, fragmentadas e isoladas das ciências não conseguem responder. A todo momento surgem novas análises que enriquecem a sabedoria humana em sua autocompreensão e possibilitam a construção de uma vida mais digna e humanizada. Inicialmente pode-se dizer que somente o diálogo entre as áreas do saber contribuirá significativamente para a construção de uma existência mais autêntica.

Certos eventos podem ser vistos à luz da teologia por alguns e à luz da física por outros. Podem ser interpretados como um elemento psicológico do desenvolvimento humano, ou um fator social que interfere na construção de sua personalidade. Assim, sem estender demasiado o texto, convida-se para caminhar juntos nesta viagem ao encontro do divino. Para alguns, o destino está distante, ou até vivem como se não existisse. Para outros, a experiência acontece num caminhar para a interioridade.

Neste texto busca-se refletir a partir de autores que escrevem de diferentes perspectivas, como Tillich, Fowler, Zohar e Marshall, Richard Wolman e Ana-Maria Rizzuto, entre outros. O desenvolvimento humano na perspectiva da fé e da construção da imagem representacional de Deus perpassa a fala dos autores e as partilhas do grupo de pesquisa. Pretende-se, simplesmente, dialogar com algumas áreas de conhecimento, diante da amplitude e da complexidade do tema, relacionando o desenvolvimento humano em busca de autocompreensão às relações que ele estabelece e à construção da imagem de Deus.

## Olhando para a sociedade

Inicialmente pode-se perguntar: *a dimensão divina e do sagrado, aparentemente, está ausente da vida da sociedade?* A oposição entre ciência e espiritualidade, ao longo do tempo, gerou o sentimento de que o sagrado, seja em relação à natureza, ou à vida cotidiana das pessoas está ausente do mundo moderno. Esse processo de dessacralização é resultado da incapacidade de o homem ver o sagrado camuflado na realidade profana.

O homem moderno emancipou-se da relação com o Transcendente e definiu-se como um ser histórico. Anunciou o fim da religião e a morte de Deus. Essa morte fez com que o homem se sentisse livre para conhecer, interferir e explorar a natureza e o mundo. O universo é dessacralizado e o mundo torna-se profano. Como o sagrado era um obstáculo para a ação livre do homem, o religioso desaparece para que o homem moderno possa sentir-se livre para explorar e dominar o cosmos. Nietzsche, por exemplo, “não pretendia dizer que Deus está morto, porque nós estamos, finalmente, de acordo que ‘objetivamente não existe’, mas que a realidade é feita de modo a excluí-lo”.<sup>1</sup>

O mundo não era concebido como um sistema metafísico e sim como um conjunto de problemas e projetos que levam o homem a buscar resultados práticos, não se ocupando mais com os *mistérios* da vida. Confiante em si e na sua capacidade racional e científica acreditava ter resolvido os mistérios acerca do universo, da vida e do absoluto. “Assim como a ‘Natureza’ é o produto de uma secularização progressiva do Cosmos, obra de Deus, assim o homem profano é o resultado de uma dessacralização da existência humana”<sup>2</sup>. O homem secularizado, encantado com a ciência e com a tecnologia, acreditava viver sem o sagrado. Deus deixa de ser o criador e o conservador do mundo, passando o homem a assumir esse papel. Mas ao anunciar a morte de Deus, na verdade,

<sup>1</sup> TEIXEIRA, Evilázio. *Aventura pós-moderna e sua sombra*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 78.

<sup>2</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.]. p. 210.

percebe que terminou com a garantia de que no final tudo ia acabar bem<sup>3</sup>.

Diante disso cabe uma pergunta: teria o homem moderno perdido a sua dimensão sagrada? A imagem de Deus ainda ocupa um lugar significativo na vida do homem? Quem não acredita, ou se diz ateu, demonstra alguma religiosidade? Mircea Eliade, insatisfeito com essa leitura de mundo, passa a investigar essa atitude arreligiosa do homem moderno.

Minhas investigações como historiador e fenomenólogo da religião levaram-me a denominar o homem anterior à nossa era como *homo religiosus*. Mas gostaria de ir além. Estou convencido de que, não importa o que pense de si mesmo, o homem moderno, secularizado, ainda ocupa uma dimensão sagrada.<sup>4</sup>

Ele afirma, ainda, que o processo de dessacralização presente no mundo moderno é devido à incapacidade de se ver o sagrado camuflado na realidade profana. Valorizando apenas a história, o homem moderno perdeu a capacidade de ver sinais sagrados no mundo, falta-lhe sensibilidade para reconhecer a realidade sagrada.

Hoje essa realidade mudou. Encontram-se sinais sagrados em locais que até pouco tempo eram vistos pelos religiosos como locais profanos. Ao se passear por alguns *Shopping Centers*, depara-se com Espaços Ecumênicos, locais de oração, meditação e celebração, entre lojas de produtos e serviços. Um espaço que líderes religiosos aproveitam para reunir e arrebatar seguidores, ou simplesmente um espaço de meditação pessoal em meio à agitação do mundo econômico. Não se sabe exatamente qual é a intencionalidade desse espaço, mas torna-se significativo objeto de estudo quando o ambiente sagrado se confunde com o profano.

A ciência, em alguns momentos, negou a existência de Deus. Talvez por olhar para essa realidade e não encontrar sinais; talvez por procurá-lo em todos os confins do universo e não encontrar

evidências físicas de sua existência. Chegou-se então à compreensão de que Deus e as questões religiosas pertenciam somente à teologia e às religiões. Mas, por que a última palavra seria da teologia? Somente ela seria capaz de responder?

Acredita-se que somente numa perspectiva inter e multidisciplinar seria possível uma abordagem mais ampla, capaz de ajudar a compreender a construção da imagem de Deus e a sua presença na vida humana. Não se trata de discutir a existência ou não de Deus, mas de compreender como os seres humanos vivem a partir dessa imagem por eles construída.

O físico Fred Alan Wolf afirma que não tem a menor ideia do que Deus é, mas que se pode sentir sua presença. “Acho que perguntar a um ser humano o que Deus é equivale a pedir a um peixe que defina a água em que nada.”<sup>5</sup> Não se trata de construir um conceito de Deus, mas de compreender como percebê-lo em nossa vida.

O cientista Francis Collins, diretor do Projeto Genoma, que até os 27 anos era um ateu convicto, escreveu um livro intitulado *A linguagem de Deus: Um cientista apresenta evidências de que Ele existe*. Foi cursando a faculdade de medicina e no contato com o testemunho de fé de seus pacientes que sua visão de mundo e de Deus começou a mudar. No caminho em busca da evidência de Deus ele descreve a imagem que tem Dele.

Se Deus existe, deve se encontrar fora do mundo natural e, portanto, os instrumentos científicos não são as ferramentas certas para aprender sobre Ele. Em vez disso, como eu estava começando a entender por olhar dentro de meu coração, a prova da existência de Deus teria de vir de outras direções, e a decisão definitiva deveria se basear na fé, não em provas.<sup>6</sup>

A fé perpassa as ações e dá sentido para a existência. Ao se olhar para as relações sociais, percebe-se a influência das várias dimensões humanas. Os autores do documentário *Quem somos*

<sup>3</sup> TEIXEIRA, 2005, p. 83-84.

<sup>4</sup> ELIADE *apud* ROHDEN, Cleide Scartelli. *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 98.

<sup>5</sup> WOLF *apud* LIMA, Moacir Costa de Araújo. *Afinal, quem somos?* Porto Alegre: AGE, 2006. p. 56.

<sup>6</sup> COLLINS, Francis S. *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*. São Paulo: Gente, 2007. p. 38.

*nós?* compreendem que ciência e religião são disciplinas diferentes tentando compreender a mesma coisa. "O espírito e a ciência são as duas grandes abordagens pelas quais a humanidade busca a verdade. Ambas estão procurando a verdade sobre nós e nosso universo; ambas estão buscando respostas para as grandes perguntas. Elas são dois lados da mesma moeda."<sup>7</sup> Diante do mistério da vida, autoriza-se a fazer perguntas? Permite-se saber o que outras áreas do conhecimento refletiram, ou tem-se medo das respostas e então se prefere ficar com aquelas que a ciência e as religiões já deram?

### A dimensão da fé

A relação entre a fé e a ciência, entre seus estudos e o que vivia permearam a vida pessoal, profissional e os escritos de Paul Tillich. Ele sempre buscou a síntese dos pensamentos, ampliando num novo olhar sobre a realidade e a vivência, a compreensão da existência humana. A fé não está ausente da vida humana e da sociedade. Ela constitui-se um elemento central, permeando todas as dimensões.

Segundo Tillich, existe em cada pessoa uma força que lhe toca incondicionalmente e que influencia sua vida e suas escolhas. Ele chama esta força de fé e a caracteriza como um ato da pessoa, como um todo. É um ato de liberdade que participa da dinâmica da vida pessoal. Diferente dos outros seres vivos, o homem, além das preocupações de sobrevivência, tem preocupações espirituais, estéticas, sociais, políticas e cognitivas. É um ser que busca o infinito, busca transcender sua finitude humana.

Fé como estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente é um ato da pessoa como um todo. Ele se realiza no centro da vida pessoal e todos os elementos desta dele participam. Fé é o ato mais íntimo e global do espírito humano. Ela não é um processo que se dá numa seção parcial da pessoa nem uma função especial da vivência humana. Todas as funções do homem estão conjugadas no ato

de fé. A fé, no entanto, não é apenas a soma das funções individuais. Ela ultrapassa cada uma das áreas da vida humana ao mesmo tempo em que se faz sentir em cada uma delas.<sup>8</sup>

Sendo parte da dinâmica da vida pessoal, a fé está presente na vida como um todo e em cada ação. Faz parte da estrutura humana, envolvendo os elementos do espírito do homem, e esse é um todo, muito mais do que a soma das partes. Mas em cada parte também está presente este todo. Assim é a fé, presente em cada parte e no todo. Não é uma força irracional, um ato inconsciente. A fé é uma questão de liberdade que leva o homem a agir a partir do seu centro. Liberdade e fé não são antagônicas, estão juntas e transcendem tanto os atos racionais, como os não-racionais da vida humana.

A fé é um ato da pessoa inteira. Ela está presente no humano e precede as tentativas de definição, precede os sentimentos e a vontade. "A fé é um ato integral procedente do centro do eu pessoal, no qual percebemos o incondicional, o infinito, e por ele somos possuídos".<sup>9</sup>

A vivência da fé, a percepção da graça divina impele a pessoa a conscientizar-se de sua finitude e da relação com o infinito. É entregar-se por inteiro, é estar possuído incondicionalmente por esta força. O que está em jogo não é uma atitude, um gesto, mas o ser, a pessoa como um todo. Somente se vivencia a experiência da fé quando a entrega é incondicional. Não se trata de algo de que se pode tomar posse, mas daquilo que o homem realmente experimenta como incondicional, como aquilo que tem caráter divino.

Se a fé de uma pessoa se apresenta como ilusória, fundamentada em coisas passageiras e transitórias, pode levar a pessoa a perder o sentido da vida. Quando somente uma ou outra das funções que constituem o ser humano é identificada com a fé, o sentido da fé e da vida desfigura-se. A fé está ligada com a natureza humana, por isso é necessária e universal. Ela não surge da vontade, nem da razão, nem dos

<sup>7</sup> ARNTZ, William; CHASSE, Betsy; VICENTE, Mark. *Quem somos nós? A descoberta das infinitas possibilidades de alterar a realidade diária*. Rio de Janeiro: Prestígio, 2007. p. 12.

<sup>8</sup> TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 7.

<sup>9</sup> TILLICH, 2002, p. 10.

sentimentos, nem de autoridades externas. Envolve o todo do ser humano e é a sua preocupação última com a vida, o seu sentido e significado de viver. Ela não desaparece, só pode ser trocada por outra manifestação de fé. Se houver consciência desta *dinâmica da fé* não se perde o sentido da existência, nem o significado do viver estará fundado em coisas finitas, terrenas e passageiras.

Este conceito de fé de Tillich ajuda a compreender o processo de desenvolvimento espiritual e integral do ser humano. Esse centro motivador da vida desenvolve-se juntamente com as outras dimensões humanas. A partir das diferentes relações que estabelece com o mundo o homem constrói sua imagem de Deus e sua autoimagem.

Nesta busca de autocompreensão, o ser humano depara-se com essa força que transcende seu mundo imediato e nesse contato vivencia sua religiosidade, traduzindo em crenças e rituais essa relação com o divino. A religiosidade é essa busca inquietante por vivências e respostas que se faz ao longo do desenvolvimento e que, mais tarde, vão sendo respondidas pelas religiões e confrontadas com experiências e compreensões do encontro com Deus.

A religiosidade passa a ser compreendida não somente nos âmbitos da fé institucionalizada, mas transcendendo os limites das religiões. A oração e a meditação, entendidas como formas de comunicação com Deus, passam a ser força e energia positivas conectando a vida com o mundo e com o Transcendente. Aquilo que faz o homem ser melhor, ampliando suas relações e sua qualidade de vida, passa pelo centro de suas motivações, pelo centro de sua vida, passa pelas suas crenças, pela sua fé.

Fowler, em seu estudo sobre os *Estágios da fé*,<sup>10</sup> compreende a fé como um fenômeno humano universal. Esse estudo, mostra a peregrinação do ser humano em busca de sentido na vida, tentando compreender o desenvolvimento da fé. A fé não é sempre religiosa em seu conteúdo, nem em seu

contexto, é o modo com que cada pessoa ou grupo penetra no campo de força da vida. Segundo Fowler, a fé desenvolve-se em seis estágios, que vai desde a Fé Intuitiva da infância até a Fé Universalizante da maturidade plena, e mostra como cada pessoa centra sua vida num conjunto de significados e crenças.

“Ao nascer, somos dotados com capacidades inatas para a fé”.<sup>11</sup> O mistério da fé é tão fundamental que não se pode viver bem por muito tempo sem ela. Fowler afirma que a fé é, reconhecidamente, o mesmo fenômeno que se dá em cristãos, marxistas, hindus, e dinkas; contudo ela é infinitamente diversificada por ser pessoal. Qualquer um pode ser iluminado pelas atitudes de fé de outras pessoas, quer sejam religiosas, quer não. “A fé é um verbo, é uma forma ativa de ser e comprometer-se, um meio de adentrarmos e modelarmos as nossas experiências de vida. Ela é sempre relacional, sempre há um *outro* na fé”.<sup>12</sup>

Piaget, Kohlberg e, pode-se citar também Erikson, com a teoria do desenvolvimento da personalidade na interação com as pessoas, instituições e significados culturais disponíveis, contribuíram para os estudos de Fowler. Nestes estudos de psicologia do desenvolvimento, Fowler encontra uma proximidade maior quanto às características dos estágios de desenvolvimento da fé. O desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, a construção da personalidade, o desenvolvimento moral e da fé são elementos da formação humana e estão intimamente ligados à construção do ser humano.

Para Fowler, as primeiras experiências de fé surgem quando a criança, ainda bebê, experencia a confiança e a segurança das pessoas que a cuidam e que a amam. Se o cuidado, a alimentação e a higiene forem inadequados, as relações de confiança, coragem, esperança e amor serão prejudicadas, e serão sentidas pelo bebê como situações de ameaça e abandono. A força de fé, que surge neste estágio, é o fundo de confiança básica e experiência relacional de mutualidade com a(s)

<sup>10</sup> FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

<sup>11</sup> FOWLER, 1992, p. 10.

<sup>12</sup> FOWLER, 1992, p. 25.

pessoa(s) que dispensa(m) os cuidados e o amor primários.<sup>13</sup>

Nos estágios seguintes, o ser humano vai construindo sua identidade na relação que estabelece com o mundo. Começa a assumir a responsabilidade por seus próprios compromissos, estilo de vida, crenças e atitudes. Cada pessoa vai desenvolvendo sua capacidade de refletir criticamente sobre a identidade, tomando consciência de sua ideologia e assumindo com autonomia seus julgamentos e atitudes. Cresce a consciência da interação das dimensões cognitivas, afetiva e espiritual com a realidade.

Somente quem alcança os últimos estágios de desenvolvimento toma consciência e procura agir seguindo os princípios universais de justiça, reciprocidade, igualdade de direitos e respeito pela dignidade dos seres humanos. A autocompreensão transforma-se numa compreensão complexa da vida e da realidade.

O desenvolvimento humano acontece de forma integrada, mas, muitas vezes, ao se estudar o ser humano, ele é fragmentado nos aspectos físico, cognitivo, social, moral, e, frequentemente, ignora-se o seu desenvolvimento espiritual. A educação, a fé e a ética se tecem juntas nesta construção de uma vida mais humanizada.

A fé é um processo interacional, ela existe na relação, forma-se, funciona e é modificada a partir da relação que se estabelece com o mundo. Os aspectos físico, cognitivo, afetivo, psicossocial, moral e da fé estão inter-relacionados, pois o todo do ser humano está em processo de evolução, um influencia e é influenciado pelo outro aspecto. São partes de um todo. Pascal considera “ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”<sup>14</sup>. Cada dimensão humana constitui o todo do ser humano, mas ele é muito mais do que a soma destas partes. É a integração e o desenvolvimento dessas que formam o homem. O mundo seria melhor se todos chegassem aos

últimos níveis do desenvolvimento cognitivo, da moral e da fé.

### **Inteligência espiritual: há um “ponto divino” no cérebro humano?**

Dana Zohar e Ian Marshal<sup>15</sup> falam sobre a inteligência humana, fruto do código genético e da história de vida deste planeta, apresentando três tipos de inteligência. Um primeiro tipo de organização neural, que permite ao homem realizar um pensamento racional, lógico, pautado por regras que dá ao homem o seu QI é a sua inteligência intelectual. Outro tipo conhecido como inteligência emocional, QE, permite realizar pensamentos associativos, influenciados pelos hábitos e emoções. O terceiro tipo de organização neural possibilita o pensamento criativo, capaz de *insights*, formulador e revogador de regras. É o que formula e reformula os tipos anteriores de pensamento, é o que dá sentido às ações e é chamado de QS, de Inteligência Espiritual.

A inteligência espiritual é a que extrai sentido, contextualiza e transforma. Isso faz com que a inteligência espiritual dê sentido e significado às ações lógicas e emocionais, por exemplo. Um computador é programado para executar tarefas, mas os seres humanos frequentemente perguntam pelo significado das coisas. Qual é o sentido disso ou daquilo? É desta capacidade que a inteligência extrai sentido, contextualiza e transforma. A consciência da existência faz o homem diferente das máquinas e dos animais.

As respostas pelo sentido da vida e daquilo que se faz e vive passa pela dimensão das crenças, da fé, da religiosidade. A maneira como se responde a estas perguntas é que caracteriza o desenvolvimento espiritual do homem. Inteligência Espiritual independe de religião institucionalizada, é uma capacidade interna, inata, do cérebro e da psique humana extraindo seus recursos mais profundos.<sup>16</sup> É uma capacidade humana que se manifesta nas ações e através da religiosidade.

<sup>13</sup> FOWLER, 1992.

<sup>14</sup> PASCAL *apud* MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000. p. 37.

<sup>15</sup> ZOHAR, Dana; MARSHALL, Ian. *Inteligência Espiritual: QS: o “q” que faz a diferença*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

<sup>16</sup> ZOHAR; MARSHALL, 2000.

A ciência e a psicologia científica têm caminhado no sentido de compreender mais profundamente este fenômeno. Embora não se possa medir objetivamente o nível de Inteligência Espiritual, muitas pesquisas têm sido feitas a partir das funções neurais do cérebro. Na década de 90, neurologistas falavam sobre a existência de um “ponto divino” no cérebro humano, que se localiza entre as conexões neurais nos lobos temporais do cérebro.<sup>17</sup>

Isso não significa que a dimensão espiritual, as crenças e até a existência de Deus possam ser provadas pela ciência. O “ponto Deus” no cérebro humano não prova a existência de Deus, mas demonstra que o cérebro evoluiu para fazer as “perguntas finais”, para ter e usar a sensibilidade em busca de um sentido e de valores mais amplos. A pesquisa desses autores mostrou que essas áreas do cérebro se “iluminam” quando os pesquisados são submetidos a expressões, palavras ou símbolos religiosos.

Os pesquisadores descobriram que, quando indivíduos normais são expostos a palavras ou tópicos de conversas evocativamente religiosos ou espirituais, a atividade em seus lobos temporais aumenta até um nível parecido com o dos epiléticos durante uma crise. Eles concluíram: “Talvez haja nos lobos temporais maquinaria neural especializada ligada à religião. O fenômeno da crença religiosa talvez seja uma ‘fiação permanente’ no cérebro”.<sup>18</sup>

Os lobos temporais estão ligados ao sistema límbico, o centro das emoções e da memória do cérebro. O envolvimento do sistema límbico demonstra também a importância do fator emocional na experiência religiosa ou espiritual em contraste com a mera crença, de que ela pode ser inteiramente intelectual.

George Vaillant, professor na Universidade de Harvard, ao realizar estudos sobre a fé, enquanto emoções positivas, também coloca a dimensão espiritual no sistema límbico.

Em primeiro lugar, diferentemente da ciência popular, que coloca a espiritualidade no

enorme neocórtex racional do *Homo sapiens* - acredita-se que os dogmas religiosos talvez residam aí - , coloco o impulso espiritual no nosso cérebro emocional mamífero: o sistema límbico. Sustento que a espiritualidade não tem raízes em ideias, textos sacros e teologia. Em vez disso, ela compreende emoções positivas e elos sociais. *Amor* é a definição mais curta que conheço de espiritualidade.<sup>19</sup>

Poder-se-ia perguntar então se a espiritualidade depende da atividade mental deste “ponto Deus” no cérebro? Zohar e Marshall afirmam que este “ponto Deus” no cérebro certamente contribui para a experiência espiritual, mas a espiritualidade não se resume a esta atividade mental. As pesquisas procuraram discernir dois tipos básicos de experiência espiritual: a “mística” e a “numinosa”.<sup>20</sup> Os que tiveram experiências numinosas, a maioria com formação religiosa, falam de um senso de presença sobrenatural orientada, de um contato com Jesus ou Maria, por exemplo. Os ateus falam de experiências de percepção extra-sensorial, como telepatia, precognição e outros. Nas experiências místicas ocorre uma alteração na percepção de sentido e intuições, sensação de grande bem-estar e aumento da capacidade criativa.

Para que haja um desenvolvimento espiritual é necessário que todo o cérebro, todo o eu, toda a vida esteja integrada. Os autores também utilizam a flor de lótus, um dos símbolos do Budismo, para melhor compreender esta integração. A bela flor de lótus, que se alimenta da lama, tem um centro e tem pétalas. No centro estaria o Eu, a dimensão espiritual. Nas pétalas internas, na camada do meio, estaria o inconsciente associativo, a dimensão emocional, a forma relacional. Nas pétalas externas encontra-se o Ego, a dimensão intelectual, racional, a que se relaciona com o mundo. Mas é do centro do Eu que tudo parte e tudo para lá converge. A dimensão espiritual é o centro da vida e das relações e atividades. E esse centro possui também uma dimensão neural, biológica.

<sup>17</sup> ZOHAR; MARSHALL, 2000, p. 113.

<sup>18</sup> ZOHAR; MARSHALL, 2000, p. 114.

<sup>19</sup> VAILLANT, George. *Fé evidências científicas*. Tradução Isabel Alves. Barueri: Manole, 2010. p. 17.

<sup>20</sup> ZOHAR; MARSHALL, 2000, p. 119.

## Inteligência espiritual: fatores de autocompreensão

Richard Wolman em seu livro *Inteligência Espiritual*<sup>21</sup> analisa a dimensão da espiritualidade a partir de sete fatores. Fazendo uso de um Inventário Espiritual, identifica elementos significativos da religiosidade humana, seu sentido e as relações que estabelece a partir dessa percepção. Neste artigo, apresenta-se um recorte do uso desse instrumental realizada na pesquisa de Mestrado.<sup>22</sup> Partilha-se somente o fator *Divindade* por considerá-lo significativo e enriquecedor no processo de construção e representação da imagem de Deus. O texto é permeado pela partilha das vivências das educadoras que participaram da pesquisa.<sup>23</sup>

O fator *Divindade* expressa a relação que se tem com o Transcendente, quando se comunica com Ele através da prece e da oração ou se sente uma sensação de deslumbramento diante dos mistérios da vida. Quando o sentido e o significado da vida é visto em conexão com um fenômeno transcendental mais amplo, vê-se o trabalho como um dever sagrado no qual se estabelece relações de compaixão, solidariedade e não-exploração. A família é vista como uma fonte de conexão e referência na vida. Sente-se a presença divina ao admirar os fenômenos da natureza como em um pôr do sol, em uma paisagem linda, em uma obra de arte, ou em um templo sagrado. Lembra-se de que se está na terra por um propósito? Vê-se os eventos da vida como parte do plano divino que

transcende a existência? Como a fé está presente na vida? Onde ela se manifesta?

Para o grupo participante da pesquisa, os resultados do fator divindade no inventário espiritual foram moderados e altos, mostrando que esta relação com o divino é algo marcante em suas vidas. Porém, este elemento ficou muito mais evidente ao analisar os memoriais<sup>24</sup>, nos quais as alunas descrevem seus sentimentos de fé e de força da presença de Deus em suas vidas. O acreditar em Deus está presente em todos os depoimentos, revelando-se como um aspecto essencial de sua vivência religiosa. Percebe-se isso em seus depoimentos quando revelam sua convicção “de como é importante Sua existência em minha vida”.

A presença do divino na infância manifesta-se através do encantamento estético com o canto dos pássaros, com o embalo das músicas, com as pinturas, com os elementos concretos que faziam parte da vida. As coisas abstratas, ao contrário, afastavam, não cativando. “Do sermão eu não gostava muito, mas dos passarinhos, ah, eu adorava os passarinhos, as músicas, o ambiente grandioso, aquele teto gigantesco era lindo e tudo novo ao meu olhar. Gosto muito de ir a Igrejas, elas me fascinam”, relatou a educadora um. A igreja era a “casa de Deus”, um ambiente sagrado onde se percebia a presença do transcendente muito mais na arquitetura e na estética do que nos rituais que ali aconteciam.

Deus não se esconde nas igrejas, nem é propriedade de alguém. Para o homem espiritualizado, sua presença está nos fatos mais banais da vida. Na fé vista como um ato da pessoa inteira, o ser humano vive sua vida a partir daquilo em que acredita. Quando se percebe que não é possível separar a vida da fé, os fatos e acontecimentos da vida passam a ser vistos a partir dos olhos da fé como relatou a educadora sete afirmando ser o “plano de Deus” sendo cumprido em sua vida.

Esta relação com Deus passa a ter um significado vital para a pessoa, criando-se rituais para fortalecê-la, como relata a educadora sete:

<sup>21</sup> WOLMAN, Richard. *Inteligência espiritual*: um método revolucionário para você avaliar e expandir seu nível de consciência espiritual. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

<sup>22</sup> SCUSSEL, Marcos André. *Religiosidade humana e fazer educativo*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2007. O recorte aqui utilizado sofreu alterações em relação ao texto original buscando adequar-se ao tema proposto desse texto.

<sup>23</sup> Participaram da pesquisa um grupo de sete alunas Curso Normal e foram acompanhadas durante a formação buscando uma autocompreensão da sua religiosidade e também durante o seu estágio curricular no componente de Ensino Religioso, relacionando sua vivência religiosa com sua prática educativa. As falas das alunas são identificadas como educadoras de um a sete, buscando preservar sua identidade. As falas que expressem a **ideia** do grupo são expressas somente entre aspas. O Estudo completo encontra-se na Dissertação acima citada.

<sup>24</sup> Nos memoriais elas relataram sua história de vida dando ênfase para a dimensão religiosa.

“Tenho muita fé em Deus e procuro ter uma comunhão diária com Ele.” Quando as pessoas colocam Deus em primeiro lugar em suas vidas, todas as outras coisas que lhe acontecem são manifestações Dele, como se vê na continuação de seu depoimento. “Já recebi muitas bênçãos e cada dia que passa recebo outras e assim é cada dia da minha vida. Não troco por nada este amor que tenho e recebo de Deus.” A vida e todas as relações e acontecimentos são vistos a partir desta relação com o divino, numa onipresença constante.

Para Paul Tillich, Deus “é a resposta à pergunta implícita na finitude do ser humano; ele é o nome para aquilo que preocupa o ser humano de forma última”.<sup>25</sup> Deus é o ser-em-si, tudo o que se pode dizer além disso é através do simbólico. Quando o homem se pergunta sobre a preocupação última da vida, ele o faz a partir da realidade e da busca de sentido. “Significa que tudo aquilo que preocupa o ser humano de forma última se torna deus para ele e, inversamente, que um ser humano só pode estar preocupado de forma última por aquilo que, para ele, é deus”.<sup>26</sup>

Os momentos difíceis da vida, quando, muitas vezes, não se visualiza nenhuma saída, para quem tem fé em Deus, é Ele quem intercede e vem em seu auxílio. “Quando passo por momentos sem explicação e penso em desistir, me lembro de que se estou aqui é porque Deus deve ter um propósito” relatou a educadora seis. Passado, presente e futuro são concebidos como oportunidades que Deus dá para se viver em seu amor. Quem tem fé, sente esta presença, esta força que “não sabemos” de onde vem, mas que envolve e é capaz de transformar a situação. “Não sabemos de onde vêm forças para, nos momentos difíceis ter coragem para suportar as dores e o sofrimento de quem amamos e os meus próprios. Mas quando tudo parece não ter fim se abre uma porta, e sei que foi Deus quem abriu”, continuou a educadora seis. Para Tillich, cada ato de coragem é uma manifestação do fundamento do ser, “não há argumentos válidos para a ‘existência’ de Deus, mas

há atos de coragem nos quais nós afirmamos a potência de ser, quer saibamos, quer não”.<sup>27</sup>

Este sentimento de dependência absoluta ou de dependência do Absoluto<sup>28</sup> é característico do homem religioso. Esta experiência religiosa é vivida como sentimento do numinoso. Não como uma simples emoção, mas como um estado afetivo no qual se é tocado pelo sagrado num êxtase de mistério e contemplação. Trata-se de uma emoção profunda e exclusivamente religiosa na qual se sente a presença do *mysterium tremendum et fascinans* como definiu Otto. Ele estudou a presença do racional e do não-racional na ideia do divino. “Trata-se de saber se na ideia de Deus o elemento racional supera o elemento irracional ou até se o exclui completamente, ou se é o contrário que acontece”.<sup>29</sup>

Quando se ouve declarações como esta: “o que eu penso e acredito é na fé, eu tenho fé, acredito em Deus”, percebe-se que os elementos racionais e não-racionais estão presentes. É o todo do ser humano que está envolvido neste mistério. Não é uma fé cega, absurda, mas constitui-se no centro de significado de sua vida. É do centro desta fé que ele encontra forças para os desafios diários. É sempre uma experiência pessoal, uma experiência viva.

Esta relação com o divino é anterior à opção religiosa da pessoa. Os relatos mostram que o mais importante é a fé em Deus, mesmo não participando de nenhuma religião. A crença em Deus e na sua força é significativa em todos os depoimentos mesmo não se constituindo em uma relação ritualística diária, como relatou a educadora cinco. “Sou uma pessoa que acredita muito em Deus, mas não vou todos os domingos à missa, não rezo todas as noites, mas tenho Deus no coração sempre presente.” Sentir a presença de Deus em sua vida é algo necessário e indispensável.

Embora a relação com Deus seja algo marcante, a participação em uma comunidade de fé representa um percentual muito baixo. Como descreve a educadora três: “Tenho muita fé, rezo

<sup>25</sup> TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1984. p. 180.

<sup>26</sup> TILLICH, 1984, p. 180.

<sup>27</sup> TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1976. p.140.

<sup>28</sup> SCHLEIERMACHER *apud* OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Lisboa: 70, 1992. p. 18.

<sup>29</sup> OTTO, 1992, p. 11.

do meu jeito, converso com Deus, mas não sou praticante. Quando me perguntam qual é a minha religião eu respondo que sou 'à toa' não pratico e nem vou a nenhum lugar".

Muitas vezes, a relação com o divino torna-se mais significativa a partir do momento em que a pessoa vivencia algo traumático em sua vida. É muito frequente a expressão: "Acredito que passei a ter mais fé depois disso". Este depoimento da educadora dois revela a intensidade desta relação com Deus.

Sou grata a Deus por ter tido várias experiências de fé, e de ter sido escolhida por ele por acreditar fielmente que a dor é inevitável, mas o ideal é termos em quem recorrer, procurar e achar socorro na hora da dor, e com ele na alegria, na paz, grata pela sua criação que foi perfeita, maravilhosa, e que se soubermos viver, ouvi-lo e obedecê-lo teremos muitos momentos felizes e faremos muitas pessoas felizes.

Nesta relação com o divino, vivenciamos um exercício de transcendência, o encontro com o mistério que dá sentido e significado à nossa vida. Evilázio Teixeira afirma que a plenitude da vida está na qualidade de nossas relações.

A transcendência e o transcendente constitui, assim, a essência da existência humana. O essencial não é a duração e sim a plenitude de sentido. Transcendência enquanto saída de si mesmo, procurar o que fica na outra margem e, dessa forma, conseguir um encontro. A vida de todo o homem como um encontro, educação como um encontro, vida da pessoa como esforço para o acesso ao inacessível. Encontro com o mistério.<sup>30</sup>

Frequentemente se ouve das pessoas religiosas o relato de experiências desta vivência do divino em sua vida. "Para mim Deus está em primeiro lugar, as outras coisas Ele acrescenta na minha vida." Nesta partilha da educadora sete, percebe-se a centralidade da fé em Deus em sua vida, tudo o que acontece é visto aos olhos da fé, buscando perceber esta interconexão.

<sup>30</sup> TEIXEIRA, Evilázio. O conceito de pessoa – da Trindade à Modernidade. In: *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 35.

## O nascimento do Deus Vivo

Ana-Maria Rizzuto fez um estudo significativo sobre o processo de desenvolvimento de uma crença em Deus e os fatores que interferem nessa construção ao longo da vida, em especial, durante as fases de desenvolvimento. Em seu estudo relata a "experiência privada, mais secreta e pessoal, que cada crente tem com seu Deus".<sup>31</sup> Analisando a história de vida de seus pacientes, reúne informações importantes para a compreensão dessa representação.

A autora parte dos estudos de Freud sobre as origens psicológicas de Deus e da correlação entre a relação que o indivíduo tem com seu pai ao vivenciar os processos de fantasia, desejo, medo e confiança e a construção da imagem de Deus. "A experiência representacional-relacional com objetos que inicia com os pais e termina com a criação da divindade por parte da criança encerra o primeiro ciclo do desenvolvimento representacional na época da resolução do conflito edípico."<sup>32</sup>

Quando é apresentada à criança a ideia de Deus institucionalizada ou elaborada no ambiente familiar, ela já possui uma imagem construída que será a referência para a sua vivência pacífica ou conflituosa com a divindade. Assim também se dá o processo de construção do espaço sagrado. Quando a criança é apresentada ao lugar sagrado, à casa de Deus, vai interiorizando as normas que esse lugar exige. A criança aprende que existem regras que geram um comportamento diferenciado diante da sacralidade da casa. Para Freud a "influência da religião oficial sobrevém à criança *depois* que a imagem de Deus se formou".<sup>33</sup>

Freud polemizou ao inverter a concepção do texto do Gênesis "Deus criou o ser humano à sua imagem" para "O ser humano criou Deus à sua imagem".<sup>34</sup> Segundo ele, as pessoas criaram essas imagens com base nas "reminiscências e restaurações das ideias infantis a respeito de seu pai e sua mãe".<sup>35</sup> Essa experiência, de certo modo

<sup>31</sup> RIZZUTO, Ana-Maria. *O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 18.

<sup>32</sup> RIZZUTO, 2006, p. 22.

<sup>33</sup> RIZZUTO, 2006, p. 26.

<sup>34</sup> RIZZUTO, 2006, p. 29.

<sup>35</sup> RIZZUTO, 2006, p. 31

conflituosa no período edípico, com o pai é que vai moldando a imagem que a criança estabelece na relação com Deus. “A relação pessoal com Deus depende da relação com o pai em carne e osso e oscila e se modifica de acordo com essa relação e que, no fundo, Deus nada mais é do que um pai exalçado”.<sup>36</sup>

Essa relação entre a crença em Deus e o complexo do pai está baseada na representação do pai primevo, da estrutura das famílias primevas. Essas representações são carregadas de símbolos e significados. Mais adiante a autora aprofunda a questão da representação objetual, que, segundo Freud, é indispensável no processo de formação da imagem de Deus. E a representação objetual do pai primevo é tão forte, poderosa e duradoura que nenhuma criança do sexo masculino escapa dessa vivência.<sup>37</sup> Destaca-se, também, conforme o desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões, tanto física, espiritual, moral, intelectual e psicológica, a influência que essa representação exerce em seu comportamento. A religião institucionalizada vai sendo a modeladora do comportamento através de suas regulamentações morais e sociais. Desde cedo a criança é colocada diante do desafio de viver a dualidade de representação: do bem e do mal, de Deus e do demônio.

Essa representação cria uma poderosa realidade psíquica que influencia de forma significativa a vida e as escolhas. A religiosidade não é uma ilusão, mas constitui-se numa parte integrante da vida humana enquanto capacidade de criar realidades invisíveis, mas significativas, capazes de dar sentido à existência humana. A vivência dessa dimensão nos faz transcender a existência animal, abrindo-nos para o horizonte das potencialidades. A representação de Deus é moldada por desejos, defesas e temores. Enquanto humanos precisa-se dessa representação transcendental na qual se deposita os medos, os desejos, as fantasias e as frustrações; nesse poder que vai conduzindo os passos e as escolhas do ser humano.

Essa representação psicológica privada de Deus vai sendo confrontada com a representação social que a religião transmite. Se houver compatibilidade, o desenvolvimento acontecerá de forma mais tranquila. Porém, conforme os estágios de desenvolvimento vão acontecendo, esse confronto acontece naturalmente. Na adolescência, por exemplo, é característico o confronto com a imagem parental e também com a representação de Deus. É muito comum neste período um afastamento da vivência religiosa e aos poucos uma transformação dessa relação com Deus.

Essa relação de confiança e de representação construída ao longo da infância vai moldando o comportamento e as relações que se estabelece ao longo da vida. A imagem de Deus e a vivência da religiosidade interferem significativamente no desenvolvimento, nas escolhas e nas significações ao longo da vida humana.

### Considerações finais

Ao compreender melhor esses processos de desenvolvimento e representação simbólica que se vai construindo ao longo da vida nas relações parentais e ampliadas na relação com o divino, pode-se inferir na vida e nas ações das pessoas de forma mais pontual e significativa. Mesmo que não se perceba claramente, a vida do homem atual é marcada pela experiência religiosa, pelas relações e imagens de Deus e do sagrado que cada um vai construindo.

Enquanto educador, olhando a partir deste prisma, percebe-se a necessidade de compreender a história e a vida das crianças e jovens que estão nas escolas. Uma ação necessária e indispensável para que se possa desenvolver de forma saudável os processos de desenvolvimento. As várias dimensões humanas se desenvolvem, ou não, de forma harmoniosa conforme se é capaz de gerenciar os conflitos nas relações que se estabelece.

As dimensões afetivas, moral, intelectual, religiosas e físicas se interconectam no processo de construção da personalidade e da vida. É preciso estar atento para que a formação integral aconteça. Não basta cuidar de um aspecto somente, eles se

<sup>36</sup> FREUD *apud* RIZZUTO, 2006, p. 34.

<sup>37</sup> RIZZUTO, 2006, p. 59.

inter-retroagem formando um único ser complexo. Rizzuto conclui com uma sugestão aos pais e educadores: “compreender os desejos e sofrimentos da criança é o caminho para ajudá-la a resolver suas ‘dificuldades’ com Deus.”<sup>38</sup>

A imagem que se constrói de Deus, influenciada pelas relações que se estabelece vai moldando a vida. Vai interferindo nas escolhas. É uma força que habita e é preciso ter consciência das direções que se dá às nossas vidas influenciados por essas representações. Nos relatos das educadoras e nos estudos de Rizzuto, fica evidente a interconexão entre as relações que o ser humano estabelece com seu meio e a construção da representação de Deus, bem como a influência dessa representação nas relações que ele estabelece.

Na música “Deus é Pai”, o Padre Fábio de Melo assim se refere a essa representação: “Mas aquele homem não era Deus / Aquele homem era meu pai / E foi assim que eu descobri / Que meu pai com o seu jeito finito de ser Deus / Revela-me Deus com seu / Jeito infinito de ser homem”.<sup>39</sup> A representação de Deus acontece nessa relação de proximidade que se estabelece, assim como essa relação de proximidade nos humaniza. “O que eu quero dizer é que a realização do humano em nós nos aproxima de Deus e a proximidade de Deus nos humaniza em plenitude quando permitimos que Deus nos divinize”.<sup>40</sup> Essa relação é fundamental para a autocompreensão e para o desenvolvimento integral.

Ken Wilber<sup>41</sup> em seus estudos sobre Espiritualidade Integral apresenta o desenvolvimento espiritual em forma de espiral que vai evoluindo com a ampliação da consciência. As reflexões existenciais acontecem somente em determinados estágios de desenvolvimento, e é preciso estar no mesmo estágio a partir do qual

surgiu a assertiva para buscar as respostas. Pode-se exemplificar com o relato que William Young<sup>42</sup> descreve no livro *A Cabana*, no qual Mack, personagem central da ficção, revisita o local da tragédia que vitimou sua filha e revive a experiência de transcendência. Seus conceitos da imagem de Deus são conflitantes, e suas crenças são ressignificadas a partir de uma nova experiência de encontro com o divino.

Acredita-se, cada vez mais, que é preciso construir relações saudáveis em todos os momentos da vida. Não há trauma que não possa ser reelaborado, mas, quanto mais se trabalha preventivamente estimulando boas relações, melhor será a significação e a representação. É preciso construir relações edificantes entre os seres, entre as áreas de desenvolvimento e entre as representações simbólicas que se vai elaborando para que nossa vida seja mais digna, humana e feliz.

Diante dessa reflexão propõe-se aos educadores, em especial no Ensino Religioso, que ao abordar as questões humanas não se restrinjam às interpretações que as religiões ou a psicologia apresentam. É preciso ajudar os estudantes a perceber a interconectividade das dimensões humanas em seu desenvolvimento. Que a religião e a filosofia não são as únicas fontes de respostas para as questões existenciais da vida. Que na busca de autocompreensão se possa iniciar um diálogo com as diversas áreas do saber. Que a espiritualidade que confere sentido à existência seja compreendida nesse diálogo com as ciências em busca de uma educação integral para um desenvolvimento pleno do ser humano.

[Recebido em: dezembro 2010 e  
aceito em: agosto 2011]

<sup>38</sup> RIZZUTO, 2006, p. 275.

<sup>39</sup> MELO, Pe. Fábio. *Deus é Pai*. Música disponível em: <<http://letras.terra.com.br/pe-fabio-de-melo/1193911>>. Acesso em: 03 jan. 2010.

<sup>40</sup> RHODEN, Inácio Luiz. *A experiência humana de Deus como experiência de graça e de liberdade*: reflexão baseada na teologia de K. Rahner. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 169.

<sup>41</sup> WILBER, Ken. *Espiritualidade integral: uma nova função para a religião neste início de milênio*. São Paulo: Aleph, 2006.

<sup>42</sup> YOUNG, William P. *A cabana*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.